

# MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E O TRABALHO NA CAFEICULTURA DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA<sup>1</sup>

Aurelane Alves Santana<sup>2</sup>

## Resumo:

Ante as políticas de modernização da agricultura e da conseqüente expansão do capital agrário pelo território brasileiro, iniciadas pelo Estado, em meados da década de 1960, Vitória da Conquista, no Sudoeste da Bahia, passou a polarizar, a partir de 1972, toda a cadeia do agronegócio cafeeiro da microrregião do Planalto da Conquista, compondo, juntamente com outros cinco municípios, Barra do Choça, Ribeirão do Largo, Encruzilhada, Planalto e Poções, os maiores índices de produção de café do estado da Bahia. Desde a territorialização da cafeicultura em Vitória da Conquista, mudanças significativas têm alterado as relações de produção e de trabalho no campo da região. Assim, diante dessas transformações, e sabendo-se que a reestruturação produtiva do capital torna-se cada vez mais emblemática para a classe trabalhadora, o presente artigo tem por objetivo compreender como a modernização da agricultura afeta essas relações na contemporaneidade. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: a) revisões bibliográficas de autores como Martins (1986), Oliveira (1986; 2001; 2010), Santos (1997), Harvey (2003), Thomaz Júnior (2012), entre outros; b) e pesquisa de campo, em que as observações e entrevistas aos trabalhadores e proprietários das fazendas foram de fundamental importância na compreensão de como a reestruturação produtiva do capital atinge a dinâmica da produção e do trabalho no campo do município. Como resultado da pesquisa, verificou-se que a modernização da cafeicultura de Vitória da Conquista tem transformado a dinâmica do trabalho rural, diminuindo, sobretudo, os postos de trabalho e trazendo serias conseqüências para a reprodução da vida dos trabalhadores.

**Palavras-chave:** Capital. Modernização da agricultura. Reestruturação produtiva do capital. Trabalho.

---

<sup>1</sup> Temática: Espacios rurales, agricultura y seguridad alimentaria.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Especialista em Análise do Espaço Geográfico pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: aurelanesantana@gmail.com.

## **Introdução**

Ante as políticas estatais de modernização da agricultura e a consequente expansão do capital agrário pelo território brasileiro, Vitória da Conquista, no Sudoeste baiano, passou a polarizar, a partir da década de 1970, toda a cadeia do agronegócio cafeeiro da microrregião do Planalto da Conquista. Por ter recebido os primeiros subsídios do Programa de Renovação e Revigoramento dos Cafezais (PRRC), liderado pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC), esse município, juntamente com outros cinco, Barra do Choça, Ribeirão do Largo, Encruzilhada, Planalto e Poções, mantêm a região com os maiores índices de produção de café do estado da Bahia<sup>3</sup> (SEAGRI, 2011).

Apesar da inserção da cafeicultura no Planalto da Conquista estar relacionada às políticas de modernização da agricultura iniciadas pelo Estado em meados da década de 1960, é somente a partir dos anos de 1990, que verdadeiras mutações nas relações de produção e de trabalho se evidenciam no campo do município, onde o aprimoramento das técnicas e dos maquinários agrícolas tem maximizado a produtividade e substituído, em grandes proporções, o trabalho vivo pelo trabalho morto (ANDRADE, 2004).

Com isso, os efeitos da reestruturação produtiva do capital sobre os trabalhadores têm sido extremamente danosos, pois, na medida em que esse processo promove o aumento da produção, traz em seu bojo, contraditoriamente, serias consequências para a classe trabalhadora, fragilizando-a em suas múltiplas dimensões, alterando não apenas as tradicionais formas de produção, mas, também, a reprodução da vida de homens e mulheres trabalhadores.

No campo de Vitória da Conquista, o que se verifica é um processo recente de diminuição do número de contratações pelas fazendas cafeeiras. Essa abrupta redução dos postos de trabalho se deve, principalmente, à aquisição de máquinas colheitadeiras pelas médias e grandes propriedades, que, nos últimos anos, passaram a investir em técnicas de produção mais avançadas.

Em posse dessas técnicas e maquinário de ponta, a maioria das fazendas estão dispensando grande parte da força de trabalho que antes era imprescindível nas lavouras, submetendo homens e mulheres à situação de desemprego e a relegação da reprodução de suas vidas a abaixo do nível normal médio da reprodução da classe trabalhadora (MARX, 1983).

Perante essa atual conjuntura que se instala no campo do município, direcionamos os nossos estudos para a análise empírica dessas transformações na vida dos trabalhadores da fazenda Casca, propriedade com cerca de 214,4 hectares de área plantada e de expressiva produtividade no conjunto das fazendas produtoras de café de Vitória da Conquista e região.

Na compreensão desse processo, a pesquisa de campo, realizada em julho de 2014, nos permitiu, através da observação simples e de entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores e proprietário/administração da fazenda, uma maior aproximação da realidade do trabalhador, que conseguindo, ainda, manter-se empregado na cafeicultura de Vitória da Conquista, reproduz a sua vida diante da situação de vulnerabilidade ao desemprego que a intensa mecanização das lavouras tem provocado.

## **Breve histórico sobre a cafeicultura em Vitória da Conquista**

Devido à grande valorização do café no mercado internacional, a inserção do município de Vitória da Conquista à divisão territorial do trabalho pelo IBC teve as suas causas intrinsecamente relacionadas aos problemas de produção que atingiram a cafeicultura dos estados de São Paulo e

---

<sup>3</sup> A microrregião do Planalto da Conquista é composta por 38 municípios, sendo 12 produtores de café. Entretanto, os municípios de Barra do Choça, Vitória da Conquista, Ribeirão do Largo, Encruzilhada, Planalto e Poções destacam-se como os mais influentes no conjunto da produção de café do Planalto.

Paraná. As fortes geadas e a doença da ferrugem, entre as décadas de 1960 e 1970, implicaram em perdas significativas para o mercado desse grão, fazendo surgir a necessidade da seleção, pelo PRRC, de novas áreas com potencial cafeeiro que pudessem suprir as demandas da produção nacional (DUTRA NETO, 2004).

Uma vez constatado que o campo de Vitória da Conquista apresentava as características necessárias para o desenvolvimento da cafeicultura, com altitude superior a 700 metros e solo e clima adequados, o município passou a incorporar padrões modernos de produção e a redefinir e construir infraestruturas que viabilizassem a circulação de mercadorias, pessoas e informações, por meio, principalmente, da abertura de estradas e da revitalização do sistema de comunicação e energia (SANTOS, 2013).

Além disso, os incentivos do Estado que abarcaram o campo dessa região deram novas características socioeconômicas ao município. A partir das transformações na relação entre os fatores de produção, terra, trabalho e capital, a implantação da cafeicultura contribuiu para a criação de um novo tipo de produtor oriundo da classe média urbana<sup>4</sup> e para a concentração, em Vitória da Conquista, de toda a cadeia do agronegócio cafeeiro do Planalto da Conquista.

Essa nova conjuntura social que se estabeleceu na região atrelada à essência contraditória e desigual do modo de produção capitalista, alterou não somente as estruturas de classe pela incorporação de “novos sujeitos”, a questão agrária também se intensificou, os espaços adquiriram novas funcionalidades e a reprodução da vida de homens e mulheres, que passaram a vender a sua força de trabalho para a cafeicultura, tornou-se cada vez mais subordinada às mazelas capitalistas.

Nesse sentido, a inserção de Vitória da Conquista no circuito do capital pela expansão territorial da cafeicultura no município, não deve ser entendida apenas sob o viés dos interesses localizados em seu próprio âmbito, mas, também, como sendo a sua dinâmica inerente ao movimento de acumulação do capital em toda a sua trajetória de dominação de novos espaços; isto é, da existência, neste ou naquele lugar, de condições locais - terra, força de trabalho disponível, tecnologia, etc. - que garantam eficácia aos respectivos processos capitalistas (SANTOS, 1997).

Desse modo, as técnicas advindas das políticas de modernização da agricultura estabelecidas pelo IBC, desde o seu início, tiveram por finalidade aumentar o ritmo da produção e, contraditoriamente, diminuir o número de trabalhadores nas lavouras. É sob esse modelo de maximização dos lucros, da expansão da produtividade por meio da intensificação da mecanização da agricultura, que, no campo de Vitória da Conquista, grande parte da força de trabalho tem sido dispensada pelos latifundiários no últimos anos.

Assim, diante dessas transformações nas relações de produção e de trabalho que vêm ocorrendo, essa pesquisa direciona a análise para os trabalhadores que convivem com a crescente redução dos postos de trabalho nas lavouras cafeeiras, ocasionada, principalmente, pelas mudanças nos padrões de produção que os avanços tecnológicos têm promovido no campo do município.

## **A reestruturação produtiva do capital e o trabalho no campo**

Na medida em que o capital amplia as capacidades humanas e intensifica a produção por meio do progresso tecnológico e informacional, reduz os postos de trabalho e limita o controle dos trabalhadores nos processos produtivos (MENDONÇA; SANTANA 2009). A sua ação desenfreada sobre o trabalho traz serias consequências para a classe trabalhadora, implicando, sobretudo, na reprodução da vida desses sujeitos.

No campo brasileiro, a utilização de insumos industriais modernos e o aprimoramento das tecnologias existentes contribuíram para uma efetiva alteração nas tradicionais formas de produção.

---

<sup>4</sup> Trata-se de comerciantes, profissionais e técnicos que tiveram acesso ao crédito e outras vantagens oferecidas pelo poder público na aquisição de terras para o cultivo do café (SANTOS, 1987).

Além de aumentar a produtividade, os avanços técnicos-científicos na agricultura criaram novas possibilidades para a expansão do capitalismo no campo, ampliando a acumulação de capital e reduzindo os postos de trabalho.

As mudanças no caráter fenomênico do sistema do capital e a sua expansão no território acentuaram o conflito existente entre capital e trabalho e tornaram mais evidente a submissão dos trabalhadores aos severos ataques da exploração capitalista. Essa exploração afeta não apenas a materialidade do trabalho, mas, também, toda a vida dos sujeitos, que, para garantir a sua sobrevivência, precisam vender a sua força de trabalho aos capitalistas (ANTUNES, 2000).

Diante disso, os efeitos da reestruturação produtiva do capital sobre a classe trabalhadora, de modo geral, são desastrosos, pois, ao mesmo tempo em que deixa as relações de trabalho mais complexas e intensifica a desarticulação política e organizativa dessa classe frente ao inimigo comum, aumenta a massa de desempregados disponível à manutenção da acumulação do capital (MENEZES, 2011). Essa tendência, segundo Dedecca (1998) fundamenta-se na reorganização do processo de trabalho, das funções e tarefas que cada trabalhador realiza dentro da esfera produtiva e da relativa diminuição do proletariado, devido, sobretudo, à Revolução Tecnológica (ANDRADE, 2004).

Essas complexidades que se esboçam nas relações de trabalho correspondem diretamente ao conflito existente entre capital e trabalho, e, no campo, esse embate se intensifica, sobretudo, através do incremento tecnológico que vem diminuindo drasticamente o emprego e impactando de maneira ainda mais perversa na vida de homens e mulheres que já não encontram no trabalho no campo uma forma de manterem, mesmo que de maneira precária, a sua reprodução e a da sua família.

Na cafeicultura de Vitória da Conquista, é notório que a redução dos postos de trabalho nas fazendas tem comprometido seriamente a reprodução da classe trabalhadora rural, uma vez que, diante da situação do possível desemprego, esses sujeitos se veem submetidos à incerteza e a instabilidade da empregabilidade ocasionada pela crescente modernização da agricultura e pela flexibilização do trabalho ordenada pelo capital.

## **Trabalho e desemprego na cafeicultura de Vitória da Conquista**

No campo do município de Vitória da Conquista, os reflexos da reestruturação produtiva do capital sobre o trabalho têm provocado intensa diminuição no número de trabalhadores contratados nas lavouras cafeeiras. Na fazenda Casca, essa redução se deve, principalmente, à aquisição de máquinas colheitadeiras, que substituem, em média, de 100 a 150 trabalhadores.

Entre os anos de 1990 e 2000 essa fazenda deu início a um profundo processo de transformações na produção. No entanto, foi só a partir de 2012, com a compra de seis colheitadeiras, que as consequências dessa modernização vem se tornando mais serias para os trabalhadores.

Desde a sua consolidação enquanto produtora de café, em 1972, a fazenda Casca apresenta os maiores índices de produtividade entre as demais propriedades cafeeiras do município, e, por isso, sempre manteve um contingente relativamente grande de trabalhadores empregados em suas lavouras. Porém, o que se verifica, atualmente, na dinâmica da produção dessa fazenda, é uma drástica redução no número de contratações em virtude da intensificação do uso de técnicas agrícolas mais modernas.

Com o uso de maquinário de ponta e do reordenamento do terreno para o aumento da safra e o melhor funcionamento e fluidez das colheitadeiras de café, há uma recente e abrupta submissão de homens e mulheres, que antes vendiam a sua força de trabalho na cafeicultura do município, ao desemprego. O que se vê nessa fazenda é uma imódica integração técnica, na qual a utilização de máquinas e de técnicas agrícolas avançadas está promovendo o aumento da produção e,

contraditoriamente, dispensando grande parte da força de trabalho antes necessária no processo produtivo do café (Tabela 1).

**Tabela 1:** Número de trabalhadores contratados pela fazenda Casca nos últimos dez anos

Ano	Nº de contratados
2005	77
2006	77
2007	78
2008	77
2009	77
2010	129
2011	95
<b>2012</b>	<b>57</b>
<b>2013</b>	<b>21</b>
<b>2014</b>	<b>44</b>

Fonte: Pesquisa de campo, julho de 2014.

Conforme a tabela 1 apresenta, entre os anos de 2005 e 2009, o número de trabalhadores, com exceção de 2007, com uma contratação a mais, manteve-se estável. Na comparação de 2009 com 2010, há um aumento de quase 70% no número de contratações<sup>5</sup>. Quando atentamos para o número de contratados em 2012, período no qual houve a aquisição das seis máquinas colheitadeiras pela fazenda, notamos que, se compararmos o número de contratações desse ano com a do ano anterior, 2011, tem-se uma redução do número de trabalhadores empregados na faixa dos 40%. Se compararmos 2012 com 2013, essa diminuição chega a quase 65%. Embora em 2014 tenha havido um aumento de quase 50% em relação a 2013, o número de contratações ainda é inferior ao ano de 2012.

Isso evidenciado, Menezes (2011) afirma que se faltam empregos, sobram sujeitos precisando trabalhar. Para ele, é essa massa desempregada que compõe, excepcionalmente, função imprescindível para a acumulação capitalista. Sobre a condição de vida dos desempregados, Marx (1983) assevera que cai abaixo do nível normal médio da classe trabalhadora e é exatamente isso que faz dela uma base ampla para certos ramos da exploração do capital em proporções crescentes. Isso se reafirma quando Marx (1979, p. 722) aponta que “tem de ser assim num modo de produção em que o trabalhador existe para as necessidades de expansão dos valores existentes, ao invés de a riqueza material existir para as necessidades de desenvolvimento do trabalhador”.

Dos relatos obtidos na pesquisa de campo, pôde-se observar que a maioria dos trabalhadores que ainda conseguem se empregar no trabalho na cafeicultura estão preocupados com a redução dos postos de trabalho, que a aquisição das máquinas provocou na fazenda:

<sup>5</sup> Segundo a administração da fazenda, isso se justifica pela forte estiagem que assolou a região na época, carecendo, assim, de um maior número de trabalhadores no trato dos pés de café.

*Conheço um bando de gente que não conseguiu serviço esse ano. Inventaram de colocar essas máquinas aí, agora nós não sabe o que vamo fazer. Hoje eu tô aqui, mas, e amanhã? (Entrevistado 1).*

*Eu tô aqui porque eu conheço o dono, aí é garantido, mas se não fosse isso eu já tava era que tá procurando outro meio de vida. A vida aqui na roça é dura, mas se aventurar por essa cidade de Deus, eu quero não (Entrevistado 2).*

*Esse ano foi bem mais difícil de conseguir colher aqui. Meus dois compadres que vinham comigo tão lá longe, um em Minas e o outro no Espírito Santo, que as máquinas ainda são menos. Fico pensando se um dia eu vou ter que ir praquelas bandas também pra poder trabalhar. A gente que tá aqui só faz o serviço onde as máquinas não entram ainda, mas e quando entrarem? Vou ter que procurar outro meio de vida. (Entrevistado 3).*

*Tá ficando difícil demais trabalhar nessa fazenda. Esse ano foi bem menos gente do que os outros anos. Lembro quando essas fazendas tudo da região precisava de gente pra trabalhar. Agora... ninguém mais quer... eles têm essas máquinas aí (Entrevistado 4)*

Diante desses depoimentos que demonstram as insatisfações dos trabalhadores perante a diminuição dos postos de trabalho na fazenda, questionamos a esses sujeitos sobre as perspectivas que têm de continuarem empregados nas lavouras cafeeiras. Sobre isso, disseram:

*Não vejo perspectiva nenhuma de ficar aqui. O patrão já falou que é só questão de tempo, já mandou a gente ir procurando outro serviço (Entrevistado 1).*

*Não sei. Eu quero ficar aqui, mas se a coisa apertar eu casco pra cidade e faço uns bicos de pedreiro. O que não pode é morrer de fome (Entrevistado 2).*

*Do jeito que as coisas andam, eu vou entrar num desses ônibus que tão descendo aí e ir colher lá em Minas, conheço um tanto de gente que tá lá, vou mais eles (Entrevistado 3).*

*Eu já trabalhei de tudo aqui nessa fazenda, até trator eu já mexi. Eu tinha meu salariozinho todo mês, aí fui demitido porque eles queriam gente com curso técnico pra poder mexer nessas máquinas que colhem. Agora, eu não sei, tô nessa vida de catador (de café), mas o que eu tiver de fazer pra dar comida pros meus filhos, eu faço. (Entrevistado 4).*

O que se evidencia na fala desses trabalhadores é a crescente preocupação em como serão as suas vidas quando não conseguirem mais se empregar no trabalho nas fazendas de café. Em meio as entrevistas, muitos deixaram claro a vocação na labuta na terra, sendo o trabalho em qualquer outra atividade, penosa e de difícil acesso. Outros, se justificaram dizendo que não têm escolaridade suficiente para encontrar um trabalho digno na cidade, preferindo, assim, permanecer no trabalho no campo. Alguns, ainda, relataram que já exercem outras atividades para completar renda, geralmente na construção civil ou no trabalho informal e que, agora, diante dessa realidade, terão que se inserir em outras atividades para que a sua reprodução não seja comprometida.

Ante essa conjuntura que se apresenta, esse movimento de intensa inquietação entre os trabalhadores do café perante a incerteza do emprego, faz com que os mesmos já comecem a pensar em outras alternativas que possam garantir a sua reprodução social. Muitos não sabem ainda o que farão, entretanto, têm a completa consciência de que, em um futuro próximo, não terão o trabalho nas lavouras cafeeiras como uma possibilidade na garantia da manutenção de suas vidas.

## Considerações finais

Considerando-se todas as discussões levantadas no decorrer desse texto sobre os efeitos da modernização da agricultura no trabalho na cafeicultura de Vitória da Conquista, o que se evidencia no campo desse município é um processo de intensa tecnificação da produção em detrimento da realização do trabalho e da possibilidade de reprodução da vida de homens e mulheres trabalhadores rurais. Observa-se, que, juntamente às transformações nos padrões de produção, é cada vez mais expressiva a diminuição no número de contratações de trabalhadores pelas fazendas cafeeiras, ocasionando, desse modo, uma alcantilada expansão do desemprego.

Essa tendência à redução dos postos de trabalho caracteriza-se como sendo apenas mais um dos efeitos da reestruturação produtiva do capital, que busca incidir sobre a classe que trabalha todos os reflexos do processo de acumulação de riquezas e a relegação de suas vidas a condições mínimas de reprodução.

Desse modo, acreditamos que o desemprego nas fazendas cafeeiras tende a aumentar, uma vez que foi verificado, nos últimos anos, que os proprietários das fazendas de café têm investido, de maneira expansiva, em aparatos tecnológicos modernos que viabilizam o aumento da produção e do lucro. Como resultado, teremos a fragmentação e a conseqüente dispersão dos trabalhadores rurais do café, impossibilitando a unificação dessa classe nos processos de luta pelo trabalho e, portanto, pela vida.

Nesse sentido, pode-se inferir, ainda, que o discurso da modernização se realiza sobre o que há de mais atrasado. Isto é, aprofundando a tendência à concentração fundiária e subordinando, principalmente, o trabalhador às diversas formas de precarização, ampliando os trabalhos irregulares, e ratificando, de maneira perversa, o desemprego como sendo crescente, ininterrupto e crônico.

## Referências

ANDRADE, Fabrício Fontes de. Reestruturação produtiva: dos novos padrões de acumulação capitalista ao novo parâmetro de políticas sociais. Revista **Urutágua**, 2004;

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3ª ed. São Paulo, Ed. Boitempo, 2000;

DEDECCA, Cláudio Salvadori. Emprego e Qualificação no Brasil dos Anos 90. In OLIVEIRA, M. A. de (org.): **Reforma do Estado e Políticas de Emprego no Brasil**. Campinas, Unicamp, 1998;

DELGADO, Guilherme da Costa. **Capital Financeiro no Brasil**. São Paulo: Ícone, 1985;

DUTRA NETO, Claudionor. **Café e Desenvolvimento Sustentável**: Perspectivas para o Desenvolvimento Sustentável no Planalto de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista: UESB, 2004;

MARX, Karl. **Da diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro**. São Paulo: Editora Global, 1979;

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983;

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues; SANTANA, Alex Tristão de. Geografia e Trabalho: uma leitura a partir das transformações territoriais. **Pegada Eletrônica**: UNESP/Presidente Prudente, v. 10, n. 2. Dez 2009. Disponível em: <  
<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/1700/1633> > Acesso em: 23 jul 2014;

MENEZES, Sócrates Oliveira. **De “supérfluos” à sujeitos históricos na contramão do capital: a Geografia do (des)trabalho.** 2007. 382f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pesquisa em Geografia – NPGeo – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007;

SANTOS, Antônio Luiz. **Produção de Riqueza e Miséria na Cafeicultura:** As transformações recentes do espaço rural nos municípios de Vitória da Conquista e Barra do Choça – Bahia. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 1986;

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997;

SANTOS, Ronan Soares dos. **A construção de Cidades no Brasil:** Capital, poder público, população e a produção do espaço urbano em Vitória da Conquista (1940 - 2010). Tese de Doutorado. Universitat de Barcelona, 2013;

SEAGRI. Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária. **Diagnóstico e propostas para a cadeia produtiva do café da Bahia.** 40 p il. Bahia, 2011;